

Bóias-frias: movimento começa a se esvaziar

SERTÃOZINHO, SP — A presença ostensiva da polícia — um "terrorismo psicológico" — foi, segundo os diretores da Fetaesp (Federação dos Trabalhadores na Agricultura em São Paulo), a causa principal do esvaziamento do movimento grevista dos cortadores de cana da região de Ribeirão Preto, embora a paralisação tenha atingido ontem 27 cidades. Esta avaliação da Fetaesp foi feita durante as negociações que tiveram como intermediário o Prefeito de Sertãozinho, Joaquim Ademar Marques. O Ministro do Trabalho, Almir Pazzianotto, esperado acabou não comparecendo. O debate seria em torno da proposta conciliatória do TRT, embora os usineiros, reunidos em Ribeirão Preto, não se dispusessem a qualquer entendimento.

— A greve não é nossa. Nós não a fizemos e não temos que administrá-la. O fim que terá é um problema de quem promoveu a greve — desabafou um porta-voz dos usineiros, ao final de reunião.

A informação que corria era a de que os usineiros estariam dispostos a negociar com base na proposta conciliatória do TRT, que prevê um aumento na diária e novo valor pela tonelada de cana cortada em relação à última contra-proposta, desde que o Governo permitisse um repasse para os preços do açúcar e do álcool. Pazzianotto começou então a manter contatos com usineiros e tentou obter o aval dos Ministros da Indústria e do Comércio, Roberto Gusmão, e da Fazenda, Francisco Dornelles.

Sentar-se à mesa de negociações e ficar com os avanços obtidos, ou continuar jogando tudo para ver se o movimento se alastra pelo resto do Estado. Era essa a maior dúvida dos líderes da Fetaesp, na tarde de ontem, no "QG da greve", em Sertãozinho. A informação de que mais três pessoas haviam sido detidas pela PM em Taquaral, quando preparavam o piquete para o dia seguinte, na região produtora de laranja, abalou ainda mais diretores e advogados da Federação dos Trabalhadores. Pela manhã, três bóias-frias foram detidos em São Joaquim da Serra. No total 29 detenções (depois todos foram liberados).

Para o assessor da diretoria da Federação dos Trabalhadores, José Carlos Salvagni, a ação policial abortou um movimento legítimo e contrariou a autonomia sindical.

— Se tivermos de aceitar o pagamento por tonelada, e não por metro linear, vamos engolir sapo e o problema acaba sendo do Governo— advertiu.

O tesoureiro e um dos líderes do movimento, Hélio Neves, Presidente do Sindicato dos Trabalhadores de Araraquara — já com voz rouca e não escondendo o cansaço das noites maldormidas — acha que houve uma ação planejada entre os toe (intermediários) (intermediários) e a polícia, para explorar o medo físico de apanhar e também de perder o emprego.

— A polícia provocou repressão ostensiva física e psicológica.

Contou que, em Barrinha, antes de uma assembléia geral, a polícia encostou um caminhão com a Tropa de Choque diante do prédio. Todos os trabalhadores que iam chegando ouviam dos guardas: "Vai circulando que por aqui não vai haver nada".

Segundo Hélio Neves, a polícia saiu de seu papel e tomou o partido dos patrões. Além de terem feito "assembléias" por conta própria, os "gatos" acabaram levando caminhões com trabalhadores para a frente da delegacia e a Polícia Militar perguntava a cada um deles se queria ficar ou ir embora.

A Fetaesp não dispunha do número de grevistas, embora garantisse que em 27 cidades havia paralisação. Já as assessorias das usinas mais próximas de Ribeirão Preto confirmaram que houve um aumento do comparecimento de mais 1.552 trabalhadores nos municípios de Sertãozinho, Pontal, Serrana, Jaboticabal, Matão, Guariba, Ribeirão Preto, Santa Rosa e Pradópolis. Cinco usinas (três de Pontal e duas de Serrana), continuam paradas e oito funcionando parcialmente.

Em toda a região, a Tropa de Choque chegou de madrugada aos locais dos piquetes. Em Pontal houve princípio de tumulto quando a cavalaria da PM investiu contra os grevistas. Alguns soldados chutaram as barrigas dos piqueteiros, de acordo com a Fetaesp.

Em Guariba, que precisou de duas assembléias em dias diferentes para se decidir pela greve, houve um impacto psicológico negativo no movimento: na manhã de ontem, os grupos de piquetes colocados nas entradas da cidade não conseguiram a adesão dos trabalhadores. Segundo alguns policiais, os piqueteiros chegaram a ser vaiados. A Fetaesp divulgou uma nota de protesto, acusando a polícia de ter assumido a defesa dos interesses patronais.

(Página 6)